



Desafios da educação e formação na área da saúde em tempos de Pandemia

Maria del Carmen Villanueva-Vilchisⁱ



Luis Alberto Gaitán-Cepedaⁱⁱ



Maria de los Ángeles Ramírez-Trujilloⁱⁱⁱ



É evidente que a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV2 impactou profundamente a população mundial. Até o momento, foram relatados 245 milhões de pessoas infectadas em todo o mundo, com quase 5 milhões de mortes diretamente atribuídas a esta doença. No entanto, o impacto tem sido para além dos problemas sanitários.

A resposta governamental dos diferentes países foi o confinamento e distanciamento social com limitação da mobilidade de seus habitantes. Essas medidas foram adotadas quase que universalmente. O isolamento em situações de ameaças à saúde não é novo e vem se repetido em várias ocasiões. Assim, na Idade Média, fechar as portas das cidades foi o primeiro sinal de que a população do interior ficaria isolada dos perigos do exterior, como aconteceu com a Peste Negra. Embora neste sentido o comportamento possa ser considerado entre gerações da humanidade, o impacto da não socialização e confinamento da população no século XXI tem sido enorme, abrangendo praticamente todas as esferas da civilização, não sendo diferente para o setor da educação.

O envolvimento e participação dos sistemas informatizados no ensino adquiriu força e relevância desde o final do século passado, evidenciando os benefícios do “ensino assistido por computador”. De tal forma que no início do século XXI já existia uma forte tendência para a utilização e implementação das tecnologias de informação e comunicação, surgindo o termo TIC. Naquela época, as TICs já haviam sido incorporadas a todos os níveis de ensino, inclusive à universidade.

No momento da decisão de confinar a população devido a COVID-19 e fechar as universidades, o uso das TICs foi considerado uma alternativa viável, segura e econômica. Uma nova era de educação a distância começou. A difusão entre a comunidade acadêmica da utilização de plataformas de ensino online, bem como a



recomendação de utilização de salas de aula virtuais e de software educativo pareceram, e tem sido, uma solução, embora não perfeita mas muito útil, sobretudo baseado nas previsões epidemiológicas de que a pandemia seria duradoura.

Naquele momento do início da pandemia, o atendimento odontológico era recomendado apenas para situações de urgência, pois os mecanismos de transmissão e contágio do SARS-CoV2 não eram especificamente conhecidos. A maioria dos consultórios odontológicos foi fechada ou teve fortes mudanças na proteção e na forma de atendimento. O ensino clínico de odontologia não foi recomendado e escolas e faculdades foram fechadas. Com isso, os centros de educação odontológica, incluindo a nossa instituição, voltaram-se para o ensino remoto na modalidade online.

Embora a participação de docentes e discentes tenha sido exemplar, a odontologia enfrentou um desafio extraordinário: como ensinar todos os aspectos que envolvem a clínica odontológica e que para o seu adequado aprendizado se faz necessário um treinamento prático. Muito do ensino clínico em odontologia é baseado na repetição e treinamento. Como forma de amenizar essa situação, o número de horas de vídeos tutoriais que mostravam como realizar procedimentos odontológicos em plataformas de acesso aberto foi estimulado e bastante aumentado. No entanto, os resultados não têm sido totalmente satisfatórios e, em nossa opinião, esta situação não foi superada. Em geral, considera-se que nenhum vídeo pode substituir a aprendizagem clínica personalizada, em contraponto às disciplinas eminentemente teóricas onde a aprendizagem adequada é alcançada por meio de aulas online. Além disso, também foi demonstrado que muitos procedimentos de administração escolar podem ser realizados remotamente - grandes conquistas, sem dúvida!

Além dos avanços, algumas questões importantes surgem: primeiro, quanto os alunos aprenderam remotamente sobre os procedimentos práticos?; Esses aprendizados serão suficientes para a retomada das atividades práticas presenciais, uma vez resolvido o confinamento? e em segundo lugar, como retornar à atividade de ensino clínico presencial? As condições são epidemiologicamente seguras? No momento essas questões não podem ser elucidadas, para respondê-las são necessários protocolos de pesquisa elaborados especificamente para isso.



Para criar um ambiente com níveis adequados de biossegurança, praticamente todas as faculdades, inclusive a nossa, adaptaram seus protocolos sanitários incorporando medidas específicas como o controle da possível carga viral na saliva, a contenção de aerossóis, aumento de equipamentos de proteção individual, capacidade controlada, entre outros. Mais complicado e complexo será enfrentar as outras questões ainda desconhecidas.

Uma alternativa possível é oferecer cursos intensivos de recuperação pré-clínica e, na nossa opinião, uma alternativa que pode se tornar fundamental para corrigir ao máximo a falta de habilidade clínica dos alunos, são os simuladores. A tecnologia fez com que os simuladores cada vez melhor imitassem uma situação clínica, tornando seu uso essencial pelo menos nos próximos anos letivos. Uma possível desvantagem disso será, sem dúvida, o custo do equipamento, o que pode fazer uma indesejável diferença entre instituições com orçamento para sua aquisição e aquelas que não o possuem.

A Odontologia e seu ensino nos últimos 40 anos tem sido diretamente impactada por pandemias que não necessariamente envolvem infecções orais/buciais, lesões estomatológicas próprias ou patognomônicas, mas que inicialmente nos obrigaram a modificar os protocolos de atendimento odontológico e clínico, especialmente os métodos de ensino. A pandemia de infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) e posteriormente a pandemia de influenza H1N1 forçaram e influenciaram diretamente os protocolos de ensino clínico aplicados antes mesmo da pandemia atual. Assim como essas emergências sanitárias obrigaram adaptações aos protocolos de biossegurança e conseqüentemente a maior segurança da prática odontológica, temos certeza de que a solução dos desafios colocados pela pandemia da COVID-19 resultará no aprimoramento das técnicas de ensino. Ampliadas as opções de ensino teórico da odontologia, vai impulsionar a criação de aplicativos de ensino móvel, vai forçar a tecnologia a criar melhores simuladores e os protocolos de biossegurança vão tornar as diferentes especialidades clínicas odontológicas ensinadas em ambientes clínicos mais seguros.



Maria del Carmen Villanueva-Vilchisⁱ

Escuela Nacional de Estudios Superiores (ENES), Unidad León; Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).

Luis Alberto Gaitán-Cepedaⁱⁱ

División de Estudios de Posgrado e Investigación, Facultad de Odontología
Universidad Nacional Autónoma de México.

Maria de los Ángeles Ramírez-Trujilloⁱⁱⁱ

Escuela Nacional de Estudios Superiores (ENES), Unidad León; Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).

Editor responsável: Daniel Demétrio Faustino-Silva

Recebido em 06 de novembro de 2021.

Aceito em 08 de novembro de 2021.

Publicado em 22 de novembro de 2021.

Como referenciar este artigo (ABNT):

VILLANUEVA-VICHIS, Maria del C.; GAITÁN-CEPEDA, Luis Alberto; RAMÍREZ-TRUJILLO, Maria del A. Desafios da educação e formação na área da saúde em tempos de Pandemia. *Cadernos de Ensino e Pesquisa em Saúde*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 08-11, 2021.